ANO 1.º LISBOA — QUARTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 167

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

A VOZ DA REVOLUÇÃO

A QUEDA DO GABINETE GRANJO

O venerando Chefe do Estado, que aceitou o pedido de demissão feito pelo gabinete Granjo, *poz certas objecções á constituição integra do ministerio indicado pelos revolucionarios. Chegada esta noticia ao quartel general revolucionario, alguns elementos do Comité logo mostraram a sua decisão de fazer vingar, completamente, as suas aspirações...*

* * *

O sinal de revolução foi dado pela companhia da guarda republicana de Campolide. Do mar correspondeu o *S. Gabriel*, primeiro; depois, o *Vasco da Gama*.

Quem disparou do *S. Gabriel* foi o 1.º sargento Guizado.

* * *

A's 8,30, cruzam se no Rocio os automoveis dos revolucionários. Armando de Azevedo, embarca num electrico para a Rotunda e há uma manifestação de simpatia. Diz-se mal do governador civil, que é acusado de derrubar todos os ministerios do seu partido, em virtude das suas determinações que irritam—dizem—a população republicana. O encerramento da *Brazileira*, volta á baila.

* * *

Passa agora numa «volturette» o capitão-tenente sr. Serrão Machado. E' revolucionário, colaborador do sr. Procópio de Freitas. O sr. Cesar Lemos, secretario da empreza do Apolo, distribue manifestos. O entusiasmo aumenta.

* * *

No quartel dos marinheiros, em Alcantara, houve uma scena sangrenta. O sr. Joaquim António Correia, 2.º tenente da armada e segundo comandante do corpo de marinheiros, aquartelado ali, é ferido com dois tiros.

* * *

A Cruz Vermelha está a postos, circula em automoveis. Há outras cruzes: a verde, a branca, etc., etc. Aparecem os escoteiros, os bombeiros voluntários. O sr. capitão Orneles, comandante da Cruz Vermelha, manda chamar todos os associados e manda preparar para a primeira voz, todos os vehiculos. Reina calma.

* * *

O sr. Procópio de Freitas e Serrão Machado, ambos da armada, estão no Arsenal. O portão está fèchado; marinheiros armados não permitem o ingresso no edificio.

* * *

Os bancos estão guardados. Aparecem mais revolucionários civis que detêm os automoveis. A policia é toda revolucionária. Os navios de guerra sinalam constantemente.

* * *

No largo do Pelourinho èstá a 2.ª companhia do batalhão n.º 2 (Paulistas). E' revolucionária.

O "Diario de Lisboa" publicará, á hora do costume, uma 2.ª edição

O MANIFESTO DOS REVOLUCIONARIOS

Temos diante das olhos o manifesto que a Junta Dirigente do Movimento Nacional acaba de envier ao país, explicando as causas e fins do mesmo. Lemo-lo pausadamente, para bem lhe apreendermos o espirito que o ditou e a aspiração que o anima.

Nele se frisa que, após onze anos de Republica, os problemas que deviam ser solucionados, na data da sua proclamação, continuam entregues aos cuidados de ineptos que, pelo tamanho das ambições, seriam estadistas, se pela insignificancia da sua obra não fossem abortos. Para travar um mal que logicamente nos conduziria á ruina diz o manifesto:

—«Ha que fazer uma obra palpitante de unidade e finalidade; e essa obra não puderam realiza-la os detentores do poder, durante onze anos de Republica. A' sua inepcia tragicamente confessada, ha que opor a violencia, sob a forma de um governo de competencias e de patriotismo, capaz de arrancar o pais ao abismo em que se debate, dotando-o com organismos que não só restabeleçam a sua atividade social e economica, como lhe deem aquela directriz e aquela nova expressão que o país ha onze anos espera em vão».

Embora outras afirmações e promessas de não menor importancia se contenham no solene documento que é a voz da Revolução, destacamos esta passagem, por nos parecer que ela sintetisa claramente o grave gesto que se iniciou esta manhã.

Dela deduzimos: 1.º que ha onze anos os nossos governos não cumpriram a missão que lhes competia desempenhar, em beneficio do país; 2.º que procederam assim por declarada incompetencia; 3.º que só pela violencia traduzida num indefetivel acto revolucionario tão lamentavel estado de coisas terminará de vez, entrando a Republica na normalidade.

Pretendem, portanto, os promotóres e orientadores do «19 de outubro»—esta data ficará na historia—que se resolvam desde já as dificuldades mais imperiosas da nossa crise, que se afastem do poder as incapacidades notorias.

Posto que o *Diario de Lisboa* se tenha empenhado sempre em defender uma inteligente politica de ordem e livre discussão serena, caso os nefastos processos de governar desapareçam agora, só encontramos motivos para felicitar-nos com uma mudança tão repentina como decisiva.

Nós andamos já fartos de logros e enganos. Pouco confiamos na retórica e na falta de preparação scientifica e teórica dos nossos processos.

Mas se esta revolução traz comsigo um verbo novo, uma politica nova, um ardente culto dos principios democraticos, uma conjuração dos elementos não contaminados pelos vicios que de longe veem, então saudamo-la como um verdadeiro milagre.

No caso contrário é mais um luto para a alma da Patria...

Copia da carta dirigida pelo presidente do ministerio a s. ex.ª o sr. Presidente da Republica

Ex.mo Sr. Presidente da Republica

Lisboa, 19-10-921, ás 10 horas

Escrevo a V. Ex.ª do Quartel do Carmo, e espero que esta carta chegará ás mãos de V. Ex.ª antes das 11 horas, com a resposta que prometi.

Não pude ir falar com o sr. ten. cor. Chaves, chefe do Gabinete de Sua Ex.ª o Ministro da Guerra, que foi a Alter do Chão fazer uma prometida visita á Coudelaria Nacional, não tendo ainda podido chegar a Lisboa.

Conferenciei com Suas Ex.as o General Comandante da Guarda Republicana e o seu Chefe do Estado Maior, os quais me informaram de que de toda a Guarda Republicana consideravam apenas fieis ao Governo duas ou três companhias de infantaria com uma secção de metralhadoras, absolutamente insuficiente para oferecerem qualquer resistencia ás tropas revoltosas.

Nestes termos o Governo encontra-se sem meios de resistencia e defêsa em Lisboa.

Não sei da situação do Campo Entrincheirodo, das tropas da Divisão e das tropas concentradas em Mafra. Mas informa-me o mesmo Chefe do Estado Maior da Guarda, ex.mo sr. cor. Ferreira Martins, que os efectivos destas tropas são insuficientes para atacar as tropas revoltosas, que são a quasi totalidade da Guarda, e, como é provável, da Marinha.

Deponho, por isso, nas mãos de v. ex.ª a sorte do Governo fiando no alto critério que sempre impoz v. ex.ª á consideração do país o melhor caminho a seguir.

Sabe v. ex.ª que jamais faltei ao cumprimento dos meus deveres para com a Republica e a Nação, e é cumprindo, ainda desta vez, dolorosamente o meu dever que escrevo a v. ex.ª.

Continuo no Quartel do Carmo, e fico com cópia desta para esclarecimento da Nação. — O Presidente do Ministerio — (a) *Antonio Joaquim Granjo.*

Demitiu-se de governador civil, tendo enviado uma carta ao sr. dr. Antonio José de Almeida, o sr. Lelo Portela, *oficial aviador, que as contingencias da politica tinham atirado para o brazeiro. Este oficial esteve de manhã na Amadora, pronto a saír a combate com a esquadrilha ali instalada.*

* * *

A 6.ª companhia, do Beato, foi das primeiras a manifestar-se, tendo seguido para o Terrreiro do Paço sob o comando do capitão Pinto, do tenente Palmeirim e alferes Joaquim Januario e Barrèto.

* * *

E' possivel que ainda hoje sejam restituidos á liberdade o sr. dr. Costa Ferreira e os demais oficiais da policia que foram detidos de manhã.

* * *

O esquadrão de Braço de Prata não se juntou aos revolucionarios por precisar de policiar aquela area, visto terem estado iminentes assaltos.

* * *

Dizem-nos que o sr. dr. Antonio Granjo telefonou de madrugada para a redacção do nosso colega «O Seculo» preguntando o que havia.

* * *

As mesas dos clubs de batota foram utilizadas na construção de varias barricadas.

* * *

A Monarquia não pode publicar-se hoje por estarem os seus escritorios e oficinas em frente do governo civil, sendo, por isso, interdita a passagem a todas as pessoas.

* * *

Aderiu, ás 13 e meia, ás forças da Rotunda a companhia de metralhadoras pesadas que estava no quartel general das Necessidades; iam acompanhadas por «camions» com forças da guarda.

* * *

Na rua Filipe Nery e em Campolide, estão montadas ambulancias.

* * *

Foi preso o dr. Mario Monteiro, director da *Alma Nacional.*

* * *

Não deixa de se afirmar, como sempre, que vêm tropas da provincia sobre Lisboa. Não deve ser verdade. E não deve ser porque o exemplo de todas as revoluções em Portugal nos mostra que a provincia em vez de esmagar com tropas a cidade irriquieta, se limita sempre a ser esmagada pela sua politica tumultuaria e varia.

Lêr na 2.ª edição: O que diz o sr. dr. Bernardino Machado sobre o movimento

MAGAZINE

Logares comuns

Henri Bataille fez há pouco uma conferencia que foi recebida com um certo sorriso pelos que o escutaram. Vejamos o resumo da conferencia: Todos os escritores, desde Homero, passando por Eschilo e Virgilio, por Dante, Shakspeare e Victor Hugo, não fizeram mais do que repetir logares comuns. Foi preciso que aparecesse Baudelaire para que a verdadeira arte surgisse, original e forte. Até aí só se conheciam os estafados argumentos e sentimentos de toda a gente. Depois de Baudelaire, Verlaine continuou a arte e a seguir a Verlaine... o proprio Henri Bataille, isto é logico e deduzivel ainda que ele o não puzesse com toda esta clareza.

Está explicado o sorriso com que a conferencia foi escutada. E' possivel que Homero e Eschilo e Victor Hugo tivessem as suas obras cheias de logares comuns... da humanidade. Nem podia deixar de ser, visto que a sua grandeza provém exactamente de terem sabido traduzir o homem com todos os seus sentimentos, que naturalmente são comuns a todos.

A subida do Himalaia

Os excursionistas que têm a paixão da escalada das montanhas, que vão arriscar a vida nos abismos do Monte Branco para alcançarem um cume, coberto de neve e verem a seus pés um panorama deslumbrante, terão ocasião, agora, de tentarem uma outra escalada, não menos fertil de peripecias e de riscos, cujas sensações devem ser incomparavelmente mais vivas do que as do Monte Branco.

Acaba de ser descoberto pelo «comité» da Expedição ao Everest um caminho que leva ao ponto mais alto da terra.

A viagem é um pouco mais longa do que a que leva ao Monte Branco, mas o estranho do caminho deve compensar altamente o tempo que levar e as fadigas que causar. Não faltarão, sem duvida, aventureiros que vão escalar o Everest o ponto onde nem chegam os aeroplanos, para se não despedaçarem nas cristas dos contrafortes que se erguem em volta como baionetas de guardas e onde só as aguias até hoje têm pousado, fitando o sol.

Desastre

Os desastres em França vão adquirindo uma proporção espantosa. Assaltos por bandidos, descarrilamentos, incendios, não falta coisa nenhuma, para dar 90 probabilidades sobre 100 a qualquer viajante, de transitar para a mansão dos mortos, pelo meio fácil de se meter num comboio para viajar.

Os ultimos foram: uma locomotiva que tinha sêde e se encaminhou pelo canal do Ourcq, onde pretendeu suicidar-se, como qualquer descontente da vida, felizmente sem arrastar ninguem para a morte; e o outro, o incendio de dois comboios que chocaram debaixo do tunel de Batignolles!

Duas horas depois da catástrofe só existiam as ferragens dos wagons; as fotografias enviadas inspiram, horror.

Realmente, um passeio em caminho de ferro, atravez da França, não é muito convidativo.

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

TEATRO NACIONAL
Telef. C. 2049
SABADO, 22
Inauguração da temporada e 1.ª recita de assinatura, com o drama em 5 actos, em verso, de **D. João da Camara**
D. AFONSO VI
em cujo desempenho tomam parte muitos dos principais artistas da companhia
Enscenação de JOSÉ RICARDO. Scenarios novos de Campos & Oliveira e L. Calderon.
BILHETES Á VENDA

RIQUEZAS NACIONAIS

Portugal Monumental e Historico

Um monumento de Santarem que desaparecerá se o bom senso lhe não valer

Mais um atentado criminoso se pretende consumar.

Não ha forma em deixarem sossegados os nossos mais humildes monumentos, onde se possa ler a vida de ontem. Cada dia que passa, todo o artista sente a alma a enlutar-se, quando mão cruel pretende apagar a vinheta mais simples. Hoje é aqui, amanhan ali, depois acolá e o camartelo estupido vai mutilando, derrubando impecavelmente toda a herança monumental e historica que os nossos antepassados nos legaram.

Agora, cabe a honra á velha cidade de Santarem.

Vêm os jornais noticiando que a reitoria do seminario desta cidade apetece arrazar um belo padrão da nossa vida, a varanda, que corre ao abrigo de dois arcos de arquitectura esbelta, onde, segundo reza a historia, D. Pedro I assistiu á execução de Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, os assassinios de D. Inês de Castro.

Que importa fazer desaparecer esta velha silharia, se ao menos a vontade dos destruidores fica satisfeita!!!

O valor historico desta varanda que data do seculo XIV bastava para que ela fosse incorporada no nosso patrimonio artistico e estimada com uma reliquia.

O que consecutivamente assistimos é que tudo quanto indique tradicionalismo se deite abaixo, sem respeito algum pela nossa vitalidade.

Desconhecem com certeza os ignorantes que a continuação destes factos redundam em grave prejuiso para a nacionalidade, desacreditando-a, fazendo-a passar aos olhos do mundo culto por uma terra de barbaros que deixaram de ter o necessario amôr pelas nossas coisas.

Quando o estrangeiro trata com carinho dos feitos da sua historia, nós procedemos de modo diverso.

Ainda não há muito tempo secundei a campanha levantada na imprensa contra o que se pretendia fazer em Coimbra, no arco pequeno de Almedina.

A pena ilustre de varios artistas e literatos fizeram saber ser um crime o que se perpetrava fazer nesse belo padrão da nossa arquitectura militar arrazando-o, para conveniencias do proprietario de um café. O caso de hoje é tão grave como aquele. Devido á milagrosa intervenção do sr. ministro da Iustrução prevaleceu a razão á audacia e o arco não foi demolido. O mesmo estou certo sucederá agora com o caso de Santarem.

A comissão dos monumentos desta cidade, sentinela vigilante e decidida, oporá uma barreira resistente á pretenção demolidora.

Como arquitecto, apelo para o sr. Ginestal Machado, homem culto, que tem vivido uma grande parte da sua vida naquela cidade e não pode, nem como ministro, nem como professor, deixar-se ficar impertubavel, perante mais um crime a juntar á grande série monstruosa. Os santarenos têm o direito de ser atendidos.

Cosmelli de Sant'Ana

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

AOS AGRICULTORES:
Adubos de baleia radioactivos
H. B. C.
Unicos no seu genero
Conveem aos agricultores por serem os unicos completos em tudo. Ricos em elementos nobres e substancias uteis, indispensaveis ao completo desenvolvimento das plantas, garantindo colheitas abundantes.
O seu poder nitrificante e insecticida é incontestavel, estando destinados a fazerem um verdadeiro sucesso na agricultura.
Fornecemos adubos especiais para todas as culturas de campo, horta e jardim, tendo prontas a expedir todas as nossas formulas especiais.
Pedidos ao nosso escritorio:
Secção de Adubos
HENRY BURNAY & C.ª
10, Rua dos Fanqueiros, 1.º--LISBOA

OS TEATROS

Réclames

S. CARLOS—Abre no dia 21 as suas portas ao publico o teatro de S. Carlos para estreia, esta epoca, da companhia dramatica Amelia Colaço-Robles Monteiro, que levará á scena peça de grande espectaculo «Jerusalem!», de George Rivolet, arranjada para a scena portugueza por Alfredo Cortez. Esta peça, que em França alcançou um grande sucesso, é posta em scena com toda a propriedade, com scenarios deslumbrantes e absolutamente novos e uma esmerada «mise-en-scène» de Antonio Pinheiro, devendo, por isso, ser acolhida com agrado pelo publico de Lisboa, que pode, desde hoje, adquirir os seus bilhetes.

EDEN—Está marcada para ámanhã a primeira representação da fantasia-revista «Pau de dois bicos», em que se estreia a grande companhia de revistas Nascimento Fernandes.

POLITEAMA — Continúa em scena no Politeama a admiravel peça «A Raça» a que toda a companhia Lucilia Simões dá uma interpretação magistral.

GIMNASIO — O «Celebre Pina» deu ontem uma nova enchente ao Gimnasio, demonstrando, exuberantemente, o interesse com que o publico aguardava a «reprise» da graciosissima peça. Durante o desenrolar das peripecias que polvilham os seus três actos, repletos de ditos de espirito, as gargalhadas resoavam estrepitosas, sem interrupção.

AVENIDA — A opereta «Flores da Noite» continúa atraindo a esta elegante casa de espectaculos, numerosissima concorrencia que todas as noites a aplaude com delirio.

Espectaculos

S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».

SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.
SALAO CENTRAL—Animatografo e concet o.y

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Aviso ao publico
Serviço combinado com linhas portuguesas
Passageiros, bagagens e cães—1.º Aditamento ao Aviso ao Publico A n.º 11.—A partir de 10 de Outubro de 1921 as estações de Lisboa R, Coimbra e Figueira da Foz (via Alfarelos), venderão bilhetes e despacharão directamente bagagens e cães para as estações da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães.
Lisboa, 4 de Outubro de 1921.
O director geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Notas Mundanas

Obras de caridade

Verbena do Sporting Club

Realiza-se hoje no Sporting Club de Cascais a «verbena» a que já nos referimos, em beneficio da Misericordia de Cascais e outros estabelecimentos de caridade.

O efeito deve ser surpreendente, tanto mais que se apresentam numerosas senhoras de «manton de Manilla». O salão foi ornamentado especialmente para a linda festa.

Ha uma esplendida ceia.

Como é natural, ha muito entusiasmo pela «verbena» desta noite, esperando-se farta concorrencia da nossa aristocracia.

Casamentos

No Porto realizou-se na quarta-feira ultima o casamento da sr.ª D. Otilia Ramos Pinto, gentil filha do sr. Adriano Ramos Pinto, importante capitalista e comerciante do Porto, com o distinto sportman sr. Alfredo Antunes da Silva Cunha.

Na «corbeille» dos noivos viam-se prendas do mais fino gosto artistico e de grande valor.

Os noivos, que vão fixar a sua residencia na explendida vivenda da Rasa, seguiram em automovel para o Bussaco em viagem de nupcias.

O casamento foi celebrado pelo sr. D. Antonio Barbosa Leão, reverendo bispo do Porto, que preferiu uma alocução tocante de brilhantismo. De Roma veiu a benção papal.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua tia a sr.ª D. Virginia de Castro Ramos Pinto, e por parte do noivo seu pai e sua tia a sr.ª D. Ana Bulhões Cunha, representada por procuração, pela sr.ª D. Erminda Ramos Pinto Allen.

Seguraram á cauda as primas da noiva, mesdemoiselles Ramos Pinto Rosas, sendo as alianças entregues por sua sobrinha mademoiselle Maria Teresa Ramos Pinto Allen. A's lavandas serviram os srs. Alfredo Cunha, Antonio Ramos Pinto, Ramiro de Magalhães e dr. Severiano José da Silva.

Em seguida ao casamento, a que assistiram apenas as familias e alguns amigos muito intimos dos noivos, foi servido um finissimo almoço em que estes foram brilhantemente homenageados.

—Realiza-se no proximo mês de novembro o enlace matrimonial da sr.ª D. Alda Ferreira Pinto Basto da Fonseca, filha da sr.ª D. Herminia F. Pinto Basto da Fonseca e do antigo e valoroso oficial do exercito, sr. Antonio Luis Remedios da Fonseca, com seu primo o sr. alferes Guilherme Carlos F. Pinto Basto Carrreira Pequeno.

A noiva é uma gentilissima senhora dotada das melhores qualidades pessoais e muitissimo inteligente e prendada e o noivo um distinto oficial da nossa infantaria.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena, D. Albana de Sommer Osorio, D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Eugenia Teles da Silva (Tarouca), D. Luisa Moreira de Almeida, D. Maria Carolina Bressane Leite Perry de Sousa Gomes, D. Maria Emilia de Valadares Leite Pereira de Abreu e Sousa, D. Luisa de Bragança (Lafões), D. Maria Amelia Vieira de Mendonça Belo e D. Maria Barbosa de Matos Chaves.

E os srs.:

Conde de Estarreja, D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo e Vimioso), D. Antonio Manuel (Atalaia), D. Domingos de Sousa Coutinho, dr. Camilo Castelo Branco, Ruy Vaz de Siqueira (S. Martinho), Manuel de Ortigão Burnay, Angelo Valado Barbedo Pinto, Filipe José de Almeida de Vilhena e Casimiro Teles Guedes,

Em viagem

Regressaram da Quinta do Alamo, em Santana da Carnota, o sr. D. José de Bragança (Lafões), sua esposa a sr.ª D. Sofia Ribeiro da Silva de Bragança, e seu filho, o ilustre engenheiro agronomo sr. D. Manuel de Bragança e sua nóra, a sr.ª D. Margarida Street Caupers de Bragança. Ainda ali ficaram seu genro o sr. Eduardo Correia de Sa (Asseca) e sua filha a sr.ª D. Maria Carlota de Bragança Correia de Sá.

—No paquete «Araguaya», esperado no Tejo regressam de Londres, onde ha anos se encontram, o sr. Rafael Reynolds, sua esposa a sr.ª D. Cristina de Andrade Bastos Reynolds e gentis filhas.

—Regressou do estrangeiro a sr.ª viscondessa de Meireles.

—De regresso de Biarritz, onde passaram o verão, são esperados quinta-feira os srs. condes de Louzã e suas filhas.

—Depois de uns dias em Lisboa deve regressar hoje á sua casa da Bela Vista em Alemquer o sr. Ruy Vaz de Sequeira (S. Martinho).

—Regressaram de Cascais o sr. Gustavo Ferreira Borges e sua esposa.

—Regressaram do estrangeiro ao Mont'Estoril, o sr. conselheiro Aquiles Machado e sua esposa a sr.ª D. Matilde Gonçalves de Freitas Machado.

—Partiu para a Praia de Parede a sr.ª D. Gertrudes da Conceição de Sá Moreira de Campos, acompanhada de seu filho o sr. Eduardo Moreira de Campos, proprietarios em Montemór-o-Novo (Alentejo).

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

O SR. TEM PILHAS?
Deite-as fora!
Prefira o ***Transformador C. S. V.*** que dá consumo quasi nulo de corrente, garantindo o perfeito funcionamento de campainhas, trincos, etc.
CASA PALISSY GALVANI
89, Rua Serpa Pinto, 91

EPISTOLARIO

O CARDEAL SARAIVA

escreve a certa religiosa uma carta cheia de salutares conselhos e ensinamentos

D. Frei Francisco de S. Luiz, Cardeal Saraiva, um dos maiores sábios do seu tempo, chamou-se, antes de vestir o hábito de S. Bento no mosteiro de Tibães, Francisco Justiniano Saraiva. Viu-o nascer a risonha vila minhota de Ponte de Lima, onde saiu para entrar na religião. Depois doutorou-se em Coimbra, leu teologia no Colegio das Artes, e entrou, aos 28 anos, e já portador duma regular bagagem literária, para a Academia das Sciencias, havia poucos anos instituida pelo Duque de Lafões e pelo abade Correia da Serra.

Os vexames infligidos a Portugal, desde os fins do seculo XVIII, a pessima administração da coisa publica, a subversão do erário, a falta de competencias e o desgraçado espectáculo do paiz entrado pelo estrangeiro—os francezes, e depois a torpe ocupação ingleza—prepararam ao douto monge o espirito para as lutas politicas. A revolução de 1820, foi arrancá-lo á quietude do claustro e dos seus estudos dilectos, e ergueu-o ao fastigio das honrarias sagradas e profanas. Foi membro da Regencia do Reino saida das Côrtes Constituintes em 1821; reformador-reitor da Universidade, bispo de Coimbra e conde de Arganil; deputado e, mais tarde, presidente das Camaras Electivas de 1826 e 1834; guarda-mór da Torre do Tombo; ministro e conselheiro de Estado; par do reino; grão-cruz de Cristo e cardeal patriarca de Lisboa.

Mas, sendo grandes, não são estes os seus titulos de glória. E' como infatigavel cabouqueiro da nossa história, é como escritor de alto critério e purissima linguagem que a posteridade há de apreciá-lo. Todos os campos literários atacou com sciencia e consciencia: a nossa história politica e a dos povos que nos precederam na Peninsula; a história eclesiástica; a critica histórica e literária; a lingustca (possuiu profundamente o latim, o grego, o hebreu e várias linguas modernas);—contando-se por dezenas as noticias, estudos, memórias, ensaios e dissertações que lhe sairam da pena.

Muito mais haveria que dizer sobre esta grande figura da Egreja e das Letras portuguezes se me sobrasse o tempo e espaço. Direi apenas que, sendo já bispo de Coimbra desde 1822, foi em 1840, por morte de D. Patricio, apresentado pelo governo, apezar da sua insistente recusa, na Sé vaga de Lisboa. Como porém, só em Abril de 1843 o Pontifice confirmasse a nomeação, eis a razão porque até essa data assinava *F. Patriarca Elt.º* (Francisco, Patriarca Eleito). Só em Agosto de 1844 fez a sua entrada solene na Sé de Lisboa; de fórma que pouco gozou a alta dignidade a que ascendeu, falecendo na Paço de Marvila em 7 de Maio do ano seguinte.

Foi Frei Francisco duma notavel rigidez de carácter, amantissimo da justiça e de uma nobilissima linha moral. Entre muitos, um facto: sendo cartista convicto, e afecto á rainha, que o tinha em grande estima, censurou ásperamente o golpe de Estado de 1842, pelo qual Costa Cabral, ministro da Constituição de 1838, derrabou no Porto essa mesma Constituição e restaurou a Carta.

As linhas que vão abaixo são um documento da alma nobilissima do cardeal Saraiva, dignas da pena de S. Francisco de Sales. Não póde haver melhor guia, mais afectuoso conselheiro, melhor pastor a uma ovelha transviada do que as palavras consoladoras deste homem, quási octogenário, que uma longa vida, lucida filosofia das coisas e profundo conhecimento do coração humano, tornaram experiente de todas as fragilidades e miserias.

Outubro de 1921.

I. CARDOSO MARTA

Ex.^{ma} Sr.ª

Com muita satisfação recebi a carta de v. ex.ª de 28 de março por ocasião de boas festas, e com muito maior gosto recebo agora a de 19 de abril, em que me participa a sua efectiva restituição a essa casa, em companhia da sua amiga.

A' primeira carta não respondi, tanto por alguma falta de saude, que ha muitos dias experimento, como por não saber como havia de dirigir a v. ex.ª a minha resposta. Agora supro de algum modo aquela falta, desejando a v. ex.ª saude, tranquilidade de espirito, e verdadeiras prosperidades não só por ocasião de festas, mas tambem em qualquer outro tempo e circunstancias.

Não me dá menos satisfação dizer-me v. ex.ª o bom acolhimento que tem achado em toda essa respeitavel comunidade: porque posto que não tenho individual conhecimento de nenhuma senhora dela, tenho comtudo justa ideia da boa educação, e nobreza de sentimentos de todas, e sei que não hão-de desdizer das virtudes cristãs e monasticas que nessa ilustre casa se professam.

Agora tinha lugar aqui, na forma do meu costume, fazer a v. ex.ª uma boa *pregaçao;* mas não quero causar-lhe enfado. Direi sómente, como já outras vezes lhe disse, que a mansidão, o amor do proximo, a obediencia aos superiores, o respeito á lei, e a humildade cristã (que não é baixeza) são virtudes que teem grando cabimento em toda a parte, aonde ha gente de juizo, e muito especialmente no claustro.

A' segunda carta pouco tenho que dizer a v. ex.ª e nada que acrescentar ao que por vezes lhe tenho dito. Dá-me grande consolação saber que v. ex.ª se não achou enganada com nenhum dos meus conselhos e reflexões. O carinho e amizade, com que v. ex.ª he tratada pela s. ex.^{ma} Prelada, não faz mais que confirmar-me no justo conceito que dela, e das suas Virtudes, e religiosos sentimentos tenho feito ha muito tempo, e na certeza que tinha, como a v. ex.ª disse muitas vezes, de que ela recebería a v. ex.ª com os braços abertos, logo que v. ex.ª se lhe apresentasse de hum modo conveniente ás precedentes circunstancias, e á respectiva situação de ambas. Não teria eu duvida, nem seria temerario em afirmar, que a sr.ª D. Abadessa desejava a restituição de v. ex.ª tanto, como v. ex.ª mesmo a podia desejar: nem outra coisa indica o agrado com que v.ª ex.ª ahi foi recebida na sua primeira visita, e a benevolencia, verdadeiramente maternal com que agora he tratada.

V. ex.ª tem obrigação particular de as praticar em reconhecimento e gratidão á sua Ex.^{ma} Prelada, e ás outras Senhoras Religiosas, e até, não sei se diga, por alguma experiencia do mundo que teve ocasião de observar e adquirir. Seja pois v. ex.ª fiel aos seus naturais sentimentos, e á sua profissão; seja filha obediente, e irmã afectuosa; seja tolerante para desculpar os defeitos alheios, a que todos somos sujeitos, etc. E com isto lhe prometo, que alcançará de todos estimação e respeito, e de Deus muitas graças espirituais e temporais.

A' sua Ex.^{ma} Companheira agradeço e retribuo a bondade, com que me trata, desejando muitas ocasiões de comprazer-lhe.

Sou com distinta consideração

De V. Ex.ª

At.º ven.^{or} e obsequioso servo

Lisboa, 21 de Abril de 1842.

F. Patriarcha Eleito

No sobrescrito:

A' Ex.^{ma} Sr.ª D. Maria da Luz Freire Salter Cid M.ª Sr.ª

Do Patriarcha Eleito

CAFÉ MALTE VATEL
DE CEVADA GERMINADA
Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina
Não confundir com o café de cevada vulgar

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Bruxelas & Bruxelas
Tailleurs-couturiers
Chegados de Paris, mostram desde já a sua colecção de modelos: Robes de ville, Robes tailleur, Capas, Manteaux, etc.
65, R. da Emenda
TELEF. C. 1266

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE
RIR! — RIR! — RIR!
SEM DESCANÇAR!
A mais alegre das peças
O CELEBRE PINA
GRAÇA INCOMPARAVEL
AINDA NO CORRENTE MEZ
1.ª recita d'assinatura com a nova peça tradução de JOÃO SOLER
MARIDOS ENCRAVADOS
Continúa ainda aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes.

GATO POR LEBRE — HOJE 4.ª FEIRA 19
TEATRO APOLO
ACABA ANTES DA MEIA NOITE
A'S 21 HORAS — GATO POR LEBRE
A festa de Ednardo Schwalbach com a 15.ª representação é já depois de amanhã.

EDEN TEATRO
Empreza Henrique Barreiros Ld.ª
Companhia Nascimento Fernandes
A'manhã QUINTA-FEIRA — 20 —
A's 8,30 — 2 — A's 10,30
SESSÕES
Primeiras representações da fantasia-revista
PAU DE DOIS BICOS
Começa hoje a venda de bilhetes para as primeiras recitas.

TEATRO S. CARLOS Telef. C 5063
Sexta-feira, 21, ás 21 horas
Estreia da companhia dramatica
REY COLAÇO—ROBLES MONTEIRO
com a peça de grande espectaculo
JERUSALEM!
arranjada para a scena portuguesa por ALFREDO CORTEZ
Scenarios novos e deslumbrantes "Mise-en-scène" de ANTONIO PINHEIRO
Esta peça alcançou um grande sucesso em França.
A bilheteira abre ás 12 horas para a venda de bilhetes desde já. Não ha assinaturas.

A CIDADE

A REVOLUÇÃO NA RUA

O GOVERNO NÃO LOGRA IMPEDIR A ECLOSÃO DO MOVIMENTO

NÃO HOUVE COMBATES

Notas e impressões dos nossos "reporters"--O "comité" avista-se com o chefe do Estado--O dr. Antonio Granjo no Carmo a conferenciar com a guarda

Como principiou o movimento

Foi do alto da Rotunda que se fizeram os primeiros tiros para o sinal de inicio

O actual movimento revolucionário que tem Lisboa em pé de guerra, guarda republicana por todos os lados, marinha no Terreiro do Paço e civis armados por todas as esquinas, principiou esta madrugada, exactamente ás 5 horas.

Este movimento, não é um principio; é uma continuidade daquele que há mezes foi esboçado, quando estava no poder o sr. dr. António Granjo, e que prosseguiu durante todo o seu governo, em eclosões parcelares aqui e ali. A propósito de qualquer coisa, anunciava-se a revolução. Foi assim para o sr. Liberato Pinto; foi assim para os oficiaes milicianos; foi assim, ainda, no principio do mez, com o intuito de derrubar o presidente do ministério, e ainda, quando há dias, se fechou a *Brazileira*.

Estão, pois, os leitores, em presença de um movimento de há muito esperado e de que se conheciam todos os detalhes. Dito isto, vamos principiar, coligindo informações.

A' 1 hora, do ministerio do Interior, informaram para todas as redacções dos jornaes que ás 5 horas, estalaria um movimento revolucionário. O sr. Granjo mesmo pedia para o *Seculo*, informações detalhadas do que se passava. A's 4 horas apareciam na rua forças de policia armadas de carabina, que tomavam conta das embocaduras das ruas, fraternizando com os revolucionários. As ruas que conduzem ao Governo Civil eram barricadas com os destroços do mobiliário das casas, vendo-se já muitos civis e muitos marinheiros.

O comando geral da guarda republicana, ás 5,45, telefonou para todas as unidades, ordenando-lhes que saissem imediatamente. A guarda entra de sair, tomando conta de todos os pontos estratégicos. Ha peças nas terras do Parque Eduardo VII, acampadas no local, onde Sidónio Paes esteve, quando do 5 de Dezembro.

Um pouco antes, talvez ás 3 horas da madrugada, estiveram reunidos no Centro Tomaz Cabreira, á rua Alves Correia, alguns grupos revolucionários, vendo-se, entre eles, dois chefes de policia. A reunião acabou com entusiásticos vivas á Republica e á Constituição.

A's 6 horas tocou a aparelhar no quartel do Carmo, chegando pouco depois as metralhadoras da Graça, comandadas pelo capitão sr. Pires Monteiro.

Pouco depois, chega ao quartel do Carmo a 1.ª companhia do batalhão n.º 3.

Procurámos informações junto do comando geral da guarda. O general sr. Alberto da Silveira, que passara toda a noite no quartel, retirou-se para a sua casa, provavelmente para dormir—informam.

6,50. Ouvem-se na Rotunda três tiros de peça; E' o sinal. Ouvem-se mais três. Estes são do mar. Os navios de guerra, entre os quaes está o *Vasco da Gama*, completamente armado, que devia seguir hoje para o Oriente, hasteiam diversas flamulas. Algumas delas dizem: «Republica e Constituição».

Os navios estão ao lado dos revolucionarios. A revolução estava na rua. A guarda republicana segue então para o Rocio, havendo um contingente que dá vivas á Republica e que posta junto das embocaduras das ruas, metralhadoras Vickers.

Vimos os revolucionários Verdu Martins e Armando de Azevedo armados de espingardas. Passam automoveis pejados de civis e militares, distribuindo manifestos. A atmosfera revolucionária acentua-se. Não ha duvida, a guarda republicana, a marinha e a policia, estão inteiramente revoltadas. Os electricos circulam a miudo, não chegando ao Rocio. No Terreiro do Paço, forças de marinha, metralhadoras da guarda e muitos civis. Os ministerios abandonados. No da Guerra, por exemplo, um oficial á paizana, pensa em ir para casa... dormir. Aparece o sr. Daniel de Barros Queiroz, que solicita informações. Onde ele as procura, nos grupos dos oficiaes, há reserva, fala-se pouco.

A vida da cidade continúa. Mais tropas, todas da guarda, mais revolucionários civis; há vivas; o Governo Civil é tomado por uma força de marinha. Prendem-se alguns oficiaes da policia, entre eles o sr. dr. Costa Ferreira, director da P. S. E.

Quanto aos revolucionários, dominam a situação em Lisboa, e têm o seu quartel-general instalado no quartel de metralhadoras pezadas, que fica no alto da Rotunda. O coronel sr. Manuel Maria Coelho, indigitado presidente do governo revolucionário, está com o «comité» revolucionário ali. O comité revolucionario deve já ter recebido a resposta do Chefe do Estado, no que respeita á sua atitude perante a revolução. E' dessa resposta, que o sr. dr. António José de Almeida prometeu para as 11,30, que se decidirá, por parte dos revolucionários, o caminho a seguir, e que principiaria por ser um ataque cerrado, em fórma de cêrco, ás forças que estão nos Prazeres.

Os revolucionários têm o desejo mais ardente, que exprimem aos jornalistas, de que, no caso do triunfo do movimento, o sr. dr. António José de Almeida continue á frente da Nação. O Chefe do Estado, porém, logo no acto de receber o «comité» revolucionário declarou que não se inhibia de dar todas as satisfações ao sr. dr. António Granjo e ao governo da sua presidencia, e essa satisfação seria o demitir-se.

Em Mafra, onde estão as tropas da divisão do coronel sr. Alves Pedrosa, deve encontrar-se o sr. ministro da Guerra. São as forças deste oficial superior que se anuncia que marchariam sobre Lisboa, no caso de ser levada a efeito uma resistencia governamental.

Nas ruas, tranquilidade e curiosidade, o Governo Civil na posse dos revolucionários, defendido por barricadas, e em todos os quarteis espectativa. Tudo espectativa.

Notas soltas e impressões das primeiras horas do dia

Das 8 da manhã ao meio dia todo o ambiente em Lisboa parece favoravel ao movimento

A's 9,30 chegou a casa do chefe do Estado uma comissão do «comité» composta do coronel Nobre da Veiga, capitão-tenente da armada Serrão Machado, dr. Jacinto Simões e Afonso de Macedo. Foram preguntar ao chefe do Estado se estava disposto a demitir o actual governo e aceitar por consequencia o governo dos revolucionarios.

As primeiras palavras do chefe do Estado foram:

—E' hoje o ultimo dia da minha vida politica...

A comissão recolheu, então, a um gabinete com o sr. dr. Antonio José de Almeida.

Os oficiais da policia foram presos no edificio do governo civil, e bem assim o sr. director da Policia da Segurança do Estado, capitão Costa Ferreira.

Ficaram, porém, em liberdade os srs. dr. Reis Junior, de investigação, e Clemente Gomes, da policia administrativa.

A' porta da residencia do chefe do Estado está uma fôrça de infantaria do primeiro batalhão da guarda republicana, sob o comando do capitão Loureiro (antigo musico da guarda).

A's 9 horas da manhã constava que os ministros das colonias, justiça e guerra estavam na Amadora.

A's 9 e meia uma multidão sobe a Avenida, em direcção ao Parque Eduardo VII, onde está instalado o Comité Revolucionario. Na multidão iam alguns soldados e marinheiros. Diz-se que as forças de Mafra virão sobre Lisboa. Não se sabe, porém, se aguardando ordens do governo do sr. Granjo, se para se unirem aos revolucionarios, o que parece mais provavel, visto essas forças estarem ás ordens do coronel sr. Oliveira Simões, indigitado ministro da guerra do futuro governo.

A's 10 e meia da manhã um nosso redactor que entrou no quartel do Carmo, da guarda republicana, observou o cansaço dos militares, pela noite toda perdida, e colheu as palavras de alguns oficiais prestigiosos, que se resumem assim:

—*A guarda não está disposta a bater-se entre si, e considera, pela fôrça das circunstancias, o movimento revolucionario triunfante, pelo menos em Lisboa.*

O comandante das forças revolucionarias no mar e no arsenal é o capitão-tenente Procopio de Freitas, que está a bordo do couraçado «Vasco da Gama», Consta ser membro do «comité».

As 10 e meia os ministerios estão quasi abandonados, os telefones estão de posse dos revolucionarios.

O distintivo dos navios diz «Constituição e Republica».

O general sr. Alberto da Silveira, diz-se, ofereceu como comandante do Campo Entricheirado os seus prestimos aos revolucionarios ha alguns dias. Os revolucionarios recusaram absolutamente, alegando não precisarem.

O movimento não estava para rebentar já, mas afirma-se que circunstancias de pezo influiram no animo do *comité* de molde a marca-lo para a madrugada de hoje.

Cai o governo?

A's 13 horas

O sr. dr. António Granjo enviou uma carta ao sr. dr. António José de Almeida, pedindo a demissão. Essa carta é aquela a que nos referimos na nota relativa ás 12 horas. O Chefe do Estado vae enviar essa carta á imprensa. Já está assinado o decreto exonerando o actual governo, decreto redigido nos termos do costume e que é feito, por consequencia, nos termos constitucionaes.

Parece que o Chefe do Estado não atendeu de uma maneira satisfatória, para os revolucionários, as suas aspirações. Os comissionados quando de manhã deixaram a residencia do sr. presidente da Republica, seguiram para casa do sr. dr. João de Deus Ramos, ao Matadouro. Subiu acima o sr. Afonso de Macedo, que se demorou em larga conferencia com o indigitado ministro da Instrução.

Os elementos afectos ao sr. Liberato Pinto, apezar de concordarem com o movimento, obedecendo— diz-se —ás indicações do ex chefe do estado-maior da guarda, não entraram nele. Assim, o sr. Pires Monteiro, a despeito do seu regimento se ter pronunciado e estar na Rotunda, continua no quartel.

As forças de Mafra, afirma-se com dobrada insistencia, vêm a caminho de Lisboa. O Entroncamento foi tomado por forças revolucionárias, constituidas por cavalaria de Torres Novas e um grupo de administração militar.

A SITUAÇÃO AO MEIO-DIA

O GOVERNO E OS REVOLUCIONARIOS NUM COMPASSO DE ESPERA

MAS A REVOLUÇÃO TEM TODO O ASPECTO DE TRIUNFAR PELA QUEDA DO GABINETE GRANJO

Meio dia. O governo, na pessoa do sr. dr. António Granjo, está—póde dizer-se—instalado no quartel do Carmo, onde conferencia com o chefe do estado-maior e com o comandante geral da guarda. Alguns ministros estiveram em suas casas de manhã, e sairam depois para parte incerta. As forças fieis ao governo encontram-se nas imediações do cemiterio dos Prazeres, em pacifica atitude, de espectativa, esperando ordens. Essas forças são constituidas por alguns elementos de cavalaria 2, infantaria 1 e sapadores de caminhos de ferro. No quartel do Carmo, onde o sr. dr. António Granjo recebe várias comunicações verbaes de alguns seus amigos, as comunicações telefónicas estão cortadas. A atitude das forças desse quartel é de espectativa. No entanto, as praças lêem os manifestos revolucionários, passa gente ligada ao movimento, chegando a ter-se a impressão de que o actual chefe do gabinete está detido e não em conferencia. Comtudo, no comando geral da guarda, declara-se que «se resistirá» e que o governo não cairá. Foi enviada pelo sr. dr. António Granjo uma carta ao Chefe do Estado, cuja resposta se está esperando. E' dela que depende a atitude a seguir-se por parte do governo Granjo.

A CIDADE

O MOVIMENTO TRIUNFANTE

O PRIMEIRO DECRETO REVOLUCIONARIO, EM PROCLAMAÇÃO

OUTRAS NOTAS DO MOVIMENTO --- A DEMISSÃO DO SR. GOVERNADOR CIVIL

Artigo 1.º—E' mantido e confirmado o artigo 1.º do decreto n.º 7.573, de 1 de Junho de 1921 que dissolveu as camaras legislativas eleitas em 1919.

§ 1.º—Ficam revogados os restantes artigos do mencionado decreto.

§ 2.º—A superintendencia e a administração do Congresso da Republica ficam pertencendo ao governo, pelo ministerio do Interior, até que esteja legalmente organisada a nova comissão administrativa.

E' dissolvido o parlamento

Art. 2.º—São declaradas nulas e de nenhum efeito as eleições gerais de deputados e senadores efectuadas em 10 de Julho de 1921, no continente e nas ilhas e posteriormente nas colonias, e, bem assim, irritos e nulos todos os actos subsequentes, delas derivados, sejam de que natureza fôr.

Art. 3.º—O governo designará, no mais curto praso de tempo compativel com a execução do seu mandato, o dia para a eleição geral em todo o territorio da Republica, dos deputados e senadores que hão-de constituir as novas camaras legislativas com poderes constituintes, bem como para todos os actos subsequentes, até á sua reunião em sessão preparatoria.

§ 1.º—Na parte em que o governo não reformar a tempo a legislação eleitoral, seguir-se-há a actualmente em vigor, excepto quanto ao recenseamento politico, que neste caso será o do ano de 1920.

§ 2.º—Da comissão parlamentar de verificações de poderes haverá recurso para um tribunal colectivo, denominado Supremo Tribunal Politico, composto do presidente da respectiva camara, servindo de presidente, e dos presidentes do Supremo Tribunal Administrativo e do Supremo Tribunal de Justiça, o qual reunirá nas dependencias da Camara a que o processo disser respeito e resolverá no praso maximo de 15 dias.

§ 3.º—E' ampliado, até trinta dias após a abertura do novo Parlamento, o praso para a obrigação, imposta ao ministro das finanças pelo artigo 54.º da Constituição.

Art. 4.º—Até que estejam definitivamente constituidas as camaras legislativas, é declarada suspensa e de nenhum efeito a execução do artigo 12.º e do n.º 25 e seu paragrafo unico do artigo 26.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa e bem assim os § § 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 11.º do n.º 10 do artigo 1.º da Lei n.º 891, de 22 de Setembro de 1919.

Á revisão constitucional

Art. 5.º—O Congresso da Republica fará no mais curto praso de tempo a revisão normal e completa da Constituição, nos termos do seu artigo 82.º, e, ao mesmo tempo, das leis constitucionais posteriormente promulgadas.

Vão ser demitidos, transferidos e suspensos altos funcionarios

Art. 6.º—Fica o Governo autorisado, num criterio de legitima defeza das instituições, de morigeração e aperfeiçoamento de serviços ou de redução dos quadros a, livremente, demitir, suspender ou transferir dos seus cargos ou exonerar das funções que desempenham os agentes diplomaticos, consulares, altos comissarios e governadores gerais nas colonias e todos os demais funcionarios publicos, civis ou militares, e a substitui-los por outros, tambem da sua livre escolha e nomeação.

§ 1.º—Esta autorisação somente poderá ser utilisada até á constituição definitiva do Congresso da Republica, mas as demissões, exonerações transferencias e nomeações, que o governo fizer no uso dela, serão definitivas e não carecerão de qualquer especie de confirmação ou aprovação.

Uma comissão para rever o funcionalismo

§ 2.º—Para integral cumprimento deste artigo e de harmonia com a expressão politica, *o Estado Republicano servido por republicanos*, o governo, por cada ministerio, no mais curto prazo de tempo, nomeará uma comissão composta por três membros que organisará sumariamente os competentes processos e decidirá dentro de trinta dias, indicando os funcionarios a quem devem ser impostas as penas de demissão ou aposentação.

§ 3.º—Serão igualmente nomeados tantos delegados quantos os necessarios para identica missão em cada um dos estabelecimentos dependentes dos ministerios, os quais enviarão todos os processos ás respectivas comissões para o fim indicado no paragrafo anterior.

§ 4.º—A decisão a que se refere o paragrafo segundo, será homologada pelo respectivo ministro e dela não haverá recursos, ficando assim alteradas todas as disposições vigentes e contrarias á aplicação deste artigo e seus paragrafos.

Art. 7.º—São declaradas extensivas, na parte aplicavel pelos mezes que decorrerem até a apresentação do orçamento geral do Estado as disposições constantes da lei n.º 1.133, de 30 de Março de 1921.

Reforma dos serviçospubli cos

Art. 8.º—Será feita pelo governo a reforma dos serviços publicos dependentes de todos os ministerios, simplificando no maximo as formulas burocraticas e reduzindo ao minimo indispensavel a despesa e o quadro dos funcionarios efectivos, criando-se o quadro dos supranumerarios e adidos, assegurando, a quem de direito, os meios condignos de subsistencia, emquanto se mantiverem nessa situação.

§ unico.—Feita a remodelação de serviços, a que se refere este artigo, o governo decretará o Estatuto do funcionalismo publico.

Art. 9.º—Prosseguirão seus termos regulares todos os inqueritos e sindicancias actualmente pendentes, de qualquer caracter ou natureza que sejam.

§ unico.—Exceptuam-se, apenas, as que tenham sido ordenadas pelo poder legislativo e organisadas por comissões parlamentares, as quais ficarão suspensa até que o Congresso da Republica acerca delas tenha providenciado.

Haverá uma amnistia

Art. 10.º—E' o governo autorisado a tares de caracter disciplinar, os de natureza politica e religiosa e os de exercituerza politica e religiosa e os de exercicio de liberdade de pensamento, compreendendo não só os que respeitarem a processos já resolvidos mas ainda os que estiverem em andamento.

§ 1.º—Essa amnistia só poderá ser aplicada a delinquentes ou presumidos delinquentes que á data da publicação do presente decreto se não encontrem banidos de territorio nacional e não aproveitará aos casos já resolvidos no fôro militar sobre que tenha havido procedimento disciplinar com base na inobservancia dos preceitos essenciais da moral e da honra, afectando a respeitabilidade militar.

§ 2.º—Todos os presumidos delinquentes a que o decreto de amnistia a promulgar não abranja, quer por insuficiencia de elementos a considerar, quer porque lhe sejam suscitadas duvidas, poderão recorrer para uma comissão nomeada pelo novo governo, que será presidida por um magistrado judicial, tendo como vogais um oficial do exercito e outro da armada, a qual submeterá o respectivo parecer ao governo que resolverá definitivamente, não havendo recurso da sua decisão.

Art. 11.º—Salvo o disposto nos artigos antecedentes, ficam em execução todas as leis constitucionais ou ordinarias e todos os diplomas legais em vigor e considerar-se-hão revalidadas as autorisações especiais concedidas ao poder executivo até á data da dissolução parlamentar, relativas á crise economica e financeira e de subsistencias publicas.

Medidas extraordinarias

Art. 12.º—Até á constituição definitiva das Camaras Legislativas poderá o governo tomar todas as providencias extraordinarias, de qualquer natureza que sejam, que as circunstancias determinarem ou o interesse da nação aconselhe, submetendo em devido tempo á apreciação do Congresso da Republica as que forem de caracter legislativo.

§ unico.—Sob este ponto de vista deverá o governo pôr especial cuidado em restaurar as leis basilares da Republica, sobretudo a de separação do Estado das Igrejas, dando o mais rigoroso cumprimento ás leis anti-congreganistas de Pombal, de Aguiar e da Republica, e em revogar e suprir todas as que, sob a propria égide da Republica, contra elas foram promulgadas.

As gréves e as associações

Art. 13.º—O governo decretará no mais curto praso de tempo o direito de livre associação e o direito á greve sob as bases dum justo equilibrio do capital e do trabalho e tendo em atenção a necessidade de intensificar a produção naciona.

Art. 14.º—O governo, de harmonia com o disposto no artigo 51.º da Constituição Politica da Republica Portugueza, decretará a lei de responsabilidade ministerial.

Art. 15.º—O governo deverá imediatamente decretar as medidas necessarias e imprescindiveis para obstar a toda a especie de especulações e açambarcamentos dos generos de primeira necessidade, punindo com toda a severidade os seus contraventores, não só por delitos ou crimes que venham a declarar-se mas ainda por todos aqueles que já se tenham cometido, podendo as penas a aplicar ir até á deportação e expulsão do territorio nacional.

Inquerito ás fortunas particulares

Art. 16.º—O governo decretará a fórma eficaz de inquerito á legitimidade das fortunas criadas e desenvolvidas após a declaração de guerra, apurando-se as restituições equitativas e as responsabilidades nos culpados.

Art. 17.º—O governo efectuará uma remodelação tributaria, criando um imposto especial que incidirá sobre os lucros derivados da guerra, especulação comercial, industrial, economica ou financeira.

Art. 18.—Fica o governo autorisado a modificar as bases organicas da administração civil e financeira das colonias no sentido que melhor atender ao rapido desenvolvimento de cada uma, e conforme a pratica o tenha demonstrado.

Art. 19.º—Este decreto entra imediatamente em execução e revoga toda a legislação em contrario.

O MINISTERIO REVOLUCIONARIO

OUTRAS INFORMAÇÕES

Governo, que ao que se diz, os revolucionarios apresentaram caso triunfem:

Presidencia e Interior, Manuel Maria Coelho.
Guerra, coronel Oliveira Simões.
Marinha, Macedo Pinto.
Justiça, Vasco de Vasconcelos.
Finanças, Francisco Antonio Correia.
Trabalho, Pires de Carvalho.
Estrangeiros, Veiga Simões.
Agricultura, Antão de Carvalho.
Instrução, João de Deus Ramos.
Comercio, Julio Martins.
Colonias, coronel Maia Pinto.
Governador civil de Lisboa, Agatão Lança.

O Campo Entrincheirado está com os revolucionarios.

Os nomes dados como fazendo parte do *comité* revolucionario são os seguintes: capitão Camilo de Oliveira, major Cortez, Manuel Maria Coelho e o oficial de marinha Precopio de Freitas. Este ultimo é o comandante das forças navais e passou do *Vasco da Gama* para o arsenal onde dá ordens para a esquadra

---

O batalhão n.º 1 da guarda republicana foi quem iniciou o movimento. Era com esse que o *comité* revolucionario menos contava.

A senha do movimento era *Coelho*. Contra-senha, *Coimbra*.

Um oficial da guarda republicana declarou que o numero de metralhadoras equivalia ao efectivo de 12.000 homens.

Pelo «comité» revolucionario foi enviado um telegrama a todas as divisões militares, comunicando-lhes a demissão do governo, que já está tratando a situação politica.

As tropas revolucionarias em numero de 7.000 homens, vão concentrar-se na Rotunda. Fica de fóra da parada, um esquadrão e uma companhia, para policiar a cidade.

Uma delegação dos revolucionarios, composta por um civil e um oficial do exercito, dirigiu-se para Mafra esta manhã, para se avistar com alguns elementos das forças do coronel Pedrosa.

Quatorze e meia.

As forças fieis ao governo, que estavam acampadas no cemiterio dos Prazeres recolheram a quarteis. Acabou-se a tragica perspectiva de um combate.

O capitão sr. Lelo Portela, que vinha exercendo o cargo de governador civil, desde o gabinete Bernardino Machado, tendo sofrido grandes ataques durante o exercicio das suas funções, acaba de se demitir, indigitando-se para o substituir o distinto oficial da armada sr. Agatão Lança, cujos serviços prestados á Republica não precisam de encarecer-se.

Segundo todas as probabilidades, a *Brasileira* reabre amanhã.

O automovel do sr. Granjo está nas mãos dos revolucionarios e é ocupado em distribuir manifestos. Um é de Setembro, 1919 é, do ultimo movimento que abortou.

Grande venda mensal

SAPATARIA CONTENTE L.DA

Rua do Carmo, 74

Sapatos desde 10$ até 30$ — Meias de seda a 4$, 6$ e 7$50

Grande abatimento em todo o estock, para dar entrada a 2:000 pares de calçado nos ultimos modelos e fôrmas da melhor marca

ATLAS

O MELHOR CALÇADO

Variados modelos para a estação de inverno

Calçado de abafo em todos os tamanhos e modelos

Laboratorios de Famarcia

Instituto Pasteur de Lisboa

Staphylina

Comprimidos de estanho chimicamente puro

Tratamento de todas as doenças devidas ao staphylococco:

Furunculose — Anthraz — Supurações antigas, etc.

FARMACIAS

LISBOA — Rua Nova do Almada, 88

PORTO — Rua dos Clerigos, 36

ELECTRICIDADE--MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

Professor de Matematica e Fisica

Cursos superiores. Liceu, todas as classes

Informações na direcção dêste jornal

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

Companhia de navegação

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

PINTO & SOTTO MAIOR

Rua do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

Banco Nacional Agricola

SOC. AN. DE RESP. L.DA

Séde—Rua de S. Julião, 188 a 198—LISBOA

Nos termos dos artigos 8.º e 12.º dos Estatutos do Banco são os Srs. Accionistas convidados a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de Outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados ou nos nossos correspondentes na provincia.

LISBOA, EVORA { Banco Nacional Agricola

LISBOA, PORTO, CHAVES { Pinto & Sotto Mayor

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Julio Correia de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

Collares Burjacas

VINHOS DE TIPO INALTERAVEL

SUCURSAL LISBOA · COLLARES-ALMOÇAGEME

RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132

TELEFONE C.

PORTUGAL

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

Oleo figado de bacalhau

(PURO)

SOCIEDADE COMERCIO NACIONAL, L.DA

59, Rua Nova do Almada, 1.º

Telefone C. 3190

TODOS

os fumadores encontram as suas marcas predilectas na

Tabacaria Serras

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

NO ESTRANGEIRO

A GUERRA EM MARROCOS

O sr. Maura mostra-se partidario da continuação do avanço das tropas espanholas

MADRID, 19

O sr. Maura mostra-se partidario da continuação do avanço das tropas em Marrocos.

A «Gazeta» publica uma real ordem autorizando os navios de guerra a abastecerem-se com carvão estrangeiro procedentes dos depositos flutuantes da bahia de Cadiz, Barcelona, Valencia, Vigo e Ferrol, pagando os respectivos direitos alfandegarios. A «Gazeta» publica tambem o indulto de Juan Moreno Garcia, soldado das forças da Israch que tinha sido candenado á pena de morte.

O sr. Maura despachou com o rei dizendo-lhe que nada de novo havia digno de notar em Marrocos.

Publicou-se uma real ordem estabelecendo o dia normal de oito horas de trabalho para os empregados dos caminhos de ferro.—(R.)

Resoluções tomadas pelo conselho de ministros

MADRID, 18

O conselho de ministros ocupou-se da acquisição de material para a armada, de regulamentos de guerra e recompensas a conceder aos soldados que se têm distinguido em Marrocos. Tambem se ocupou do protetorado sobre Marrocos, examinando a situação pelo seu aspecto militar e politico, e aprovou ao mesmo tempo as instruções para o alto comissario.—(Radio.)

A censura á imprensa

MADRID, 18

O governo fez circular uma ordem pela qual fica suspensa a censura da imprensa. —(Radio).

Contingentes que devem partir

MALAGA, 18

Desta cidade sairá para Marrocos um batalhão do regimento de Cecilia, tendo já embarcado contingentes de tropas sanitarias.—R.

Chegada de feridos a Espanha

MALAGA, 18

Chegou a este porto o vapor «Alicante» e deixou 175 feridos e enfermos. Os restantes que traz a bordo desembarcarão em Almeria e Cartagena, para onde o navio se dirigia.—R.

O infante D. Afonso e o principe D. Filipe tomam parte nas operações

MADRID, 18

Nas operações de Zeluan tomam parte o infante Afonso e o principe Filipe, que pertencem ambos ao regimento de hussares e teem o seu acampamento em Nador, onde levam uma vida em tudo identica á dos outros oficiais superiores.—R.

O regresso do Alto Comissario

MELILLA, 18

O alto comissario não regressará a esta cidade antes de 4 ou 5 dias.—R.

AVENIDA
EXITO ENORME
A OPERETA
FLORES
—DA—
NOITE
PELA COMPANHIA
SATANELLA-AMARANTE
—A'S 9 1|4—

ALTA SILESIA

Boatos desencontrados

A unanimidade de vistas da França e Inglaterra
O sossego da Alemanha

Correm ácerca da Alta Silesia as versões mais diferentes: noticias que dizem que os partidos da esquerda se mantêm fieis ao «ultimatum» dos aliados, manifestando-se contra as direitas; noticias que dizem que todos os partidos da Alta Silesia reclamaram contra a injustiça perante o chanceller; umas noticias dizem que o chanceller se manifestou contra a decisão, outras dizem que se manterá no poder através de tudo. O «Evening Standard», de Londres, publicou um telegrama, desmentido em outros jornais, dizendo que as tropas alemãs atravessaram a fronteira em direcção á Alta Silesia. Emquanto umas cronicas afirmam que a unanimidade entre a França e a Inglaterra ácerca deste problema está feita, dizem outras que as divergencias entre uma e outra nação não serão tão graves como seria de supôr. Diz-se ainda que o Conselho Supremo não reunirá para ratificar a decisão da Sociedade das Nações, considerando-a decisão arbitral; dizem ainda outras que antes dos aliados ratificarem a decisão, ha de o relatorio ser examinado por um jurista inglês. Ha tambem quem diga que a Alemanha está mais conformada.

Se nem todas estas noticias merecem igual confiança, elas provam na sua oposição qual a excitação extraordinaria que provocou a decisão da Sociedade das Nações, ainda não proclamada oficialmente.

A Alemanha fez quanto em seu poder cabia para evitar esta decisão, que considera injusta; inclusivamente, duas vezes o seu representante em Londres procurou elementos do Foreign Ofice para tentar influir-lhes no animo e os levar a intervir a seu favor na Sociedade das Nações.

Da serie de noticias desencontradas que chegam, algumas se podem concluir verídicas, ou pelo facto de as vermos referidas em todos os jornais, ou porque as encontramos em cronicas de responsabilidade. E' tal, porém, a febre em torno deste assunto, que um acontecimento considerado agora certo, se vê daqui a pouco irrealizavel, e logo possivel de novo. Está neste caso a demissão do governo de Wirth que foi dada como certa no caso da divisão da Alta Silesia.

O conselheiro Wirth—este é dos factos oficiais—disse que, perante a partilha, a situação creada á Alemanha era completamente nova. As ultimas noticias, porém, dizem-no firme no poder e que mesmo no caso da demissão do gabinete será ele o encarregado de formar ministerio, pois é o unico homem que conta com uma maioria de opinião suficiente para estar á frente dum governo.

A união entre a França e a Inglaterra não se pode ainda considerar submetida á prova; a cronica do *Tempo* através os seus comentarios deixa-o bem perceber.

No emtanto parece que as divergencias que a Inglaterra poderia apresentar não são bastante grandes para a levar a suscitar atrictos, de que a Alemanha não deixaria de procurar tirar partido.

Não é, porém, este aspecto da questão o que mais interessa o publico. O aspecto mais interessante é examinar a disposição do publico alemão.

E desse aspecto pouco pode adiantar a observação. Nas cronicas dos jornais franceses predomina a opinião de que a excitação que se expande em manifestações de milhares de pessoas por todas as cidades e em artigos na imprensa, em que se jura que nunca a Alemanha acatará tal solução, predomina a opinião de que este grande alarme é um sentimento superficial que se calará perante a evidencia de que a Alemanha não pode resistir á vontade do vencedor. Será assim?

As organizações militares ocultas que a propria imprensa francesa tem feito ver dotadas duma tão grande força e extensão que ameaçam a segurança da Europa, essas associações que têm armas, munições e homens, deixarão escapar esta ocasião de usarem dos sentimentos gerais, para servirem o gran-germanismo e os Hohenzollerns?

Ha só um dado positivo que permita admitir tal hipotese: essas poderosas organizações têm chefes, e o maior é Ludendorff, o qual disse que para ser chefe é preciso saber se a vitoria é possivel.

Ora a insurreição da Alemanha só a ela custaria, pois os aliados impor-lhe-hiam, pela fôrça, as suas decisões.

Mas chamar a esse sentimento superficial e facil de extinguir, parece-nos não só muito pouco reflectivos, mas mesmo imprudentes, pois é preciso tê-lo sempre presente para o futuro.

Resta avaliar as consequencias financeiras: se o marco polaco começou a subir, a descida do marco alemão acentuou-se já e a situação financeira da Alemanha, já tão periclitante, mais tende ainda a agravar-se.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

PARQUE DO ESTORIL

Tencionando abrir um dos seus hoteis no começo da proxima época, a Sociedade «Estoril» arrenda desde já, para estabelecimentos comerciais, as lojas-galerias á entrada do Parque do Estoril.

As condições do arrendamento acham-se patentes nos escritorios da Sociedade, no Cais do Sodré, n.º 25 — LISBOA.

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
—Seguros de vida—
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

O TRATADO DE PAZ

O senado americano acaba de rejeitar duas emendas que diziam respeito áquele país

NEW YORK, 19.—O senado americano rejeitou a emenda ao Tratado de Paz com a Alemanha em virtude da qual os Estados Unidos deveriam garantir a Alemanha contra qualquer invasão não justificada, e tambem rejeitou uma outra emenda em que se dispunha que os Estados Unidos usariam da sua influencia para evitar á Alemanha qualquer ataque.—R.)

UMA INDUSTRIA EM PERIGO...

A falsificação de notas vai tornar-se impossivel

Um processo ultra-microscopico em experiencia

PARIS, 18.

Um ministerio da Fazenda estrangeiro, está realisando curiosas experiencias referentes aos processos para a total supressão das falsificações de titulo e bilhetes de Banco. Apesar de se guardar o maior segredo sobre estas experiencias, a agencia renana de Strasburgo, facilitou os seguintes detalhes:

«O processo está baseado nas relações externas das substancias que se encorporam na massa do papel ao dar a ultima demão de calandragem. As ditas substancias não são visiveis senão ao ultra-microscopio em luz rasante. Umas, têm uma reacção manifesta ao magnetismo exterior que se traduz num fenomeno especial ao chegar-se o papel assim tratado, ao imam; outras dão uma reacção diferente, aparentam em luz difusa e que se reconhece pela côr que toma o papel colocado no fundo dum cilindro de metal aberto e alumiado por cima. Segundo o numero e a proporção de substancia em presença, o papel toma uma côr que vai do vermelho intenso ao negro-violeta. Todas as pessoas podem reconhecer a autenticidade das notas.—(R.)

SOLIDARIEDADE

A colonia irlandesa da America contribuiu com onze milhões de "dollars" para o movimento separatista

DUBLIN, 19

O enviado dos «sinn-feiners» nos Estados Unidos disse que os irlandezes da America contribuiram nos ultimos dois anos com mais de onze milhões de «dollars» para o movimento irlandês. O mesmo enviado solicitou mais vinte milhões de «dollars» a favor da causa irlandesa.—(R.)

Em Londres

Redução do custo da vida

LONDRES, 19

Anuncia-se oficialmente que houve uma redução de 10 % no custo da vida durante o corrente mês—(R.)

INSTALAÇÕES
E REPARAÇÕES
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS
Casa PALISSY GALVANI
RUA SERPA PINTO, 89 E 91
LISBOA
Telefone, 641

AS CAUSAS E FINS DO MOVIMENTO

UM DOCUMENTO QUE NÃO DEIXA DE FICAR PARA A HISTORIA DA REPUBLICA

A Junta dirigente do movimento fez distribuir já o seguinte manifesto:

«Quasi onze anos de vida politica em em regime republicano não lograram ainda criar aquela organisação democratica inerente ao funcionamento do regime. Depois da obra do governo provisorio, sem unidade nem directriz, por vezes sem adaptação ao Paiz e ao momento, (não obstante o acendrado patriotismo e a diligencia daqueles a quem então coube a missão de gerir os negocios publicos) pouco ou nada se tem feito no sentido de organisar democraticamente a vida portugueza.

Por outro lado, as lutas precoces dos partidos, geradas em torno de figuras, alimentados por odios e vaidades, em vez de serem a expressão de interesses que em regime republicano podiam finalmente tomar corpo e expandir-se, não foram de molde a gerar aquele equilibrio politico sem o qual não é possivel imprimir unidade aos destinos do Paiz.

As perturbações dos monarquicos vindas de terra estrangeira

A's continuas perturbações das primeiras horas, alimentadas por monarquicos em terra estrangeira, buscando alento nas disputas intestinas em que nos esterilisavamos, sucederam umas curtas hora em que procuramos iniciar o nosso ressurgimento financeiro, base, então como agora, da solução do problema nacional. Esforço isolado, sem continuidade na acção governativa, sem um esforço paralelo nos outros ramos da nossa actividade, de fórma a torná-lo estavel e duradoiro, caiu em breve, sufocado pelas lutas estereis dos politicos de profissão, quando as primeiras convulsões da grande guerra nos tomavam de inevitavel contagio.

Então transportámos para a politica internacional as pugnas intestinas que nos aniquilavam. Num momento em que grandes e pequenas nações se aprestavam a tomar armas para a defeza sagrada do seu patrimonio territorial, nós, que tinhamos há pouco antes as nossas colonias leiloadas entre os grandes interesses rivais, discutiamos ainda se deviamos ou não valorisar a nossa situação internacional, de fórma a, no termo do conflito, que muitos então julgavam breve, podermos exigir respeito para uma nação que ressurgia do entorpecimento monarquico-constitucional e se dispunha a transformar o seu dominio colonial, pela defeza, pelo fomento, pela expansão economica, no instrumento de progresso que o mundo de nós exigia.

Todas as nossas actividades, todas as nossas energias, se consumiram durante a guerra, na luta interior, contra os ataques que o inimigo de então mantinha a dentro de fronteiras. Não organisámos a nossa vida nacional porque todo o tempo era pouco para organisar um exercito, dotando-o com meios efectivos de combate; não atacamos os problemas vitaes da nacionalidade; não preparámos sequer uma politica interna de fomento, de expansão, de finanças, de colonisação, que aplicassemos no dia seguinte á guerra; não podémos ao menos aproveitar o élan patriotico dos dias ansiosos da guerra, para pôr em pratica certas medidas de organisação democratica para que lento e longo seria criar ambiente nos dias calmos da paz.

O armisticio encontra Portugal em plena desordem

O armisticio encontrou-nos em plena desordem interna, com aventuras pessoais, detendo o mando do Paiz, instaladas nos altos cargos, preocupando-se em criar em Portugal um presidencialismo que não se compadecia com uma historia palpitante de aspirações democraticas, e em encher fortes e cadeias com quantos tomavam a si o esforço de restaurar a situação externa criada á custa de todos os que, em França e Africa, ofereceram a vida a melhores dias da Patria.

As condições em que abortou a revolta monarquica de Monsanto, termo de uma aventura que por pouco ameaçava roubar-nos o nosso assento na Conferencia da Paz, não permitiram então a constituição dum ministerio que, no fim de oito anos de regime republicano, desse ao paiz, definitivamente, aquela organisação democratica sem a qual ele e o regime não poderiam viver. Pelo seu lado, os partidos politicos esquecendo-se dos dias maus donde vinham, em vez de auxiliarem a grande obra patriotica do momento com a dissolução de forma a dar-lhe a unidade nacional de que ela havia mister, resuscitaram as antigas clientelas, de novo ergueram á sua frente homens em vez de ideias e interesses nacionais; e fragmentando-se, por inanidade da função que se arrogavam incompatibilisaram o governo e o paiz, quasi que o desinteressando dos seus destinos.

Com a miseria pairando sobre o país...

Emquanto todas as nações se preparavam para a grande luta da «post-guerra» de forma a defender e valorisar a sua expansão economica, os *salvadores* com que hora a hora se foi ahi entretendo a esperança nacional nem sequer detinham na sua marcha o nosso descalabro financeiro. Com a miseria pairando sobre o paiz, com um orçamento em sucessivo desiquilibrio, de fórma a atingir o absurdo, com o trabalho nacional esteril, a propriedade asfixiada e as industrias nascentes agonisando á falta de estimulo, a vida portugueza atinge aquele momento e mque urge afastar do governo os profissionais da politica, parasitas dum corpo quasi morto, e dotá-lo finalmente com aquela organisação em que cada uma das nossas actividades ocupe a função que lhe compete.

Portanto:

Há que fazer uma obra palpitante de unidade e finalidade; e essa obra não poderam realisá-la os detentores do poder durante onze anos de Republica. A' sua inepcia tragicamente confessada, há que opôr a violencia, sob a forma de um governo de competencias e de patriotismo, capaz de arrancar o paiz ao abismo em que se debate, dotando-o com organismos que não só restabeleçam a sua actividade social e economica, como lhe dêm aquela directriz e aquela nova expressão que o paiz há onze anos espera em vão.

Há que dotá-lo com uma organisação administrativa perfeita, amoldada justamente ás aspirações locais que um monarquico absorvente anestesiou; há que dotá-lo com uma lei eleitoral de *democracia*, por meio da qual o paiz possa eleger legitimos representantes; há que dotá-lo com uma organisação de funcionamento das camaras de fórma a produzirem trabalho proficuo e util.

Há que dar ao paiz caminhos de fomento, equilibrando com as nossas necessidades um sistema de propriedade geradora da fome e da emigração; há que alargar o credito agricola, intensificar a produção, de fórma a produzir que nos baste e acompanhar aos mercados estrangeiros o que nos sobeje; há que proteger o braço que em vão procura terra para cultivar, ou fornecendo-lha no interior, ou tornando-o util, defendendo-no estrangeiro, quando não seja possivel valorisá-lo portas a dentro; há que rasgar caminhos que sejam os canais da nossa expansão economica e comercial, da nossa agricultura comercialisada, da nossa industria, enriquecendo o paiz; há que resolver de vez o problema do aproveitamento das aguas, problema abandonado ao ronceirismo burocratico, de fórma a animar por ele o paiz inteiro de actividades ineditas, percursoras de ineditas riquezas.

Contra o rouceirismo burocratico

Há que atacar, com patriotica decisão, o problèma financeiro, de molde a extinguir um *deficit* que nos sufoca, a cobrar impostos que caibam na capacidade maxima do paiz, a dotá-lo com pautas alfandegarias que sejam um verdadeiro instrumento de troca internacional, a valorisar a nossa moeda, a baixar o custo da vida.

Há que colocar com urgencia no estrangeiro, por acordos comerciaes, os produtos que habitualmente enviavamos aos seus mercados, de fórma a equilibrar prontamente a nossa balança de valores recebidos e exportados.

Há que, tirando da guerra as utilidades que ela nos deu, não só liquidarmos a obra do Congresso da Paz, como o ocupar, nas relações entre as nações, aquele lugar que aos nossos interesses convém, empre na base da nossa aliança com a Inglaterra, e da estreita amizade com o Brazil, França, Espanha e paizes aliados.

Há que dotar o poder judicial com aquele prestigio e aquela autonomia fóra do qual não existe a segurança dos Estados. Há que estabelecer em fórmas práticas a protecção ao trabalho, ao emigrante, a quantos têm direito á previdencia social, dando uma cuidada e segura assistencia efectiva aos velhos e ás creanças.

Há que prestigiar a Republica, fazendo o indispesavel saneamento nos serviços publicos, militares, civis, consulares e diplomático, dos elementos nocivos ao regime, e, moralizando-a, crear um corpo burocrático que secundará e manterá a boa ordem administrativa e o respeito pelo Estado Republicano.

Há que estabelecer integralmente o espirito da Lei da Separação das Egrejas do Estado e manter o mais rigoroso cumprimento das leis anti-congreganistas de Pombal, de Aguiar e da Republica, dando assim inteira satisfação ás consciencias livres do paiz.

Há que reorganizar o ensino em Portugal em moldes racionalistas, assegurando para o futuro uma geração de consciencias libertas de preconceitos, aptas á vida e á integral defeza do regime democrático.

Contra os esbanjamentos do dinheiro publico

Há que entregar ás classes organizadas a função económica que devem desempenhar na vida social da nação.

Há que industrializar aqueles estabelecimentos fabris do Estado que pela sua acção podem e devem influir na produção nacional.

Há que restringir as despezas publicas com o exercito e com o funcionalismo áquele minimo que a nossa receita exige, sem meios violentos, mas pelo encerramento dos quadros e gradual redução, pela suspensão temporária das promoções, pela diminuição das despezas reconhecidas inuteis. Há que dotar o paiz com aquela educação sem a qual toda a organização legal é estéril.

Há que moralizar e defender a Republica de possiveis desmandos e esbanjamentos dos dinheiros publicos, decretando imediatamente a lei de responsabilidade ministerial.

Há que resolver o importante problema da existencia em todo o Paiz dos terrenos baldios e propriedades improdutivas, de modo a, com cuidada garantia, ser assegurada e activada a indispensavel cultura, aproveitando e intensificando-se assim os naturaes elementos de produção.

Há que rodear, carinhosamente, os mutilados da guerra de prescrições legislativas que sejam uma nitida expressão de agradecimento pátrio, amparando-se, de egual modo, aqueles que em combate adquiriram doenças ou em campanha as tiveram agravadas.

Há que resolver a situação dos oficiaes milicianos, assegurando por fórma prática e insofismável os direitos dos combatentes da Grande Guerra, e de todos os que pela Republica têm feito o sacrificio dos seus esforços, da sua dedicação e do seu patriotismo.

Como se fizeram fortunas, como foi?

Há que obstar a todas as especulações, castigando severamente todos os delitos praticados contra o bem estar do povo, creando-se ao mesmo tempo, um imposto especial sobre os lucros da guerra.

Há que inquerir da fórma como certas fortunas se desenvolveram vertiginosamente em completa disparidade com os razoaveis e legitimos ganhos mercantis atribuindo-se aos que prevaricaram as competentes sanções penaes.

Há que modificar, de harmonia com o que a prática tenha indicado, as bases organicas da administração civil e financeira das colónias, no sentido de mais garantidamente assegurar, em cada uma, o seu indispensavel e rápido desenvolvimento.

Há, finalmente, que dar ao nosso vasto dominio colonial aquela alta função que lhe compete, de fórma, a, com a sua valorização, aparecermos no concêrto das nações, não pelo favor de relações mendigadas mas pelo real valor que representemos.

Não há, evidentemente, da parte dos dirigentes do movimento a presunção de que o futuro governo venha a resolver, em todos os seus detalhes, os aspectos vários do problema nacional. Mas o que se lhe pede, antes, o que se lhe exige, no mandato imperativo que o paiz, pela nossa mão lhe entrega, é a solução rápida dos problemas urgentes, que os governos anteriores se mostraram ineptos para resolver e a organização geral da democracia portugueza em moldes taes que de futuro, todo o trabalho a realizar seja uma parte integrante desse todo, seja apenas o aperfeiçoamento da grande obra construida agora nas suas linhas fundamentaes, imprimindo-se assim unidade e direcção ás actividades politicas e económicas da nossa pátria.

Precisamos recomeçar, volver dez anos atraz, fazer, emfim, a Republica, pouco mais que proclamada em Outubro de 1910.

E' esta a missão a cumprir pelo novo governo de Salvação Publica organizado pelo Sr. Presidente da Republica que, após a sua constituição, no acto da posse e perante a Junta do Movimento Nacional, em nome da Nação, tomará o fiel compromisso de envidar todos os seus inteligentes esforços, no sentido de executar integralmente os principios que ficam consignados neste documento, decretando egualmente o disposto na Proclamação dirigida ao Povo Portuguez.

Desta sorte, cumprida a sagrada e patriótica missão imposta pelo Povo e pelas forças de terra e mar, os dirigentes do Movimento Nacional deporão o seu mandato.—Lisboa, Setembro de 1921.

Um manifesto

Movimento nacional

A' força armada de Terra e Mar

Camaradas: — A situação dolorosa do País reclama do nosso patriotismo o dever, mais do que todos generoso e instante, de impôr um **Governo de Salvação Publica**, com um programa de Resurgimento Nacional. O Povo Republicano, secundado por forças de Terra e Mar, vai neste momento facilitar a s. ex.ª o sr. Presidente da Republica a solução politica que em sua consciencia o mesmo ex.^m^ senhor julgará decerto a unica conveniente aos altos interesses do País e da Republica. Não cumprir as ordens dum governo incompetente que procura defender apenas interesses pessoais e de partido—é um dever de todos os patriotas. Que o nosso Partido, o de todos os portugueses honrados e patriotas, seja o da Patria.

Viva Portugal! Viva a Republica!

Um oficial de marinha ferido a tiro e outro alvejado sem consequencias

Informações colhidas no hospital de S. José:

Esta madrugada, pouco depois do inicio do movimento revolucionario, foi atingido por dois tiros, no quartel de marinheiros, disparados por uma praça de marinha, o segundo tenente do secretariado naval sr. José Correia Junior, de 47 anos de idade, casado, natural da Louzã e residente na rua da Barroca, 46, 1.º

Depois de socorrido no hospital de S. José, onde foi assistido pelo sr. dr. Fernando Simões, deu entrada, em estado satisfatorio, na sala de observações.

O segundo comandante, capitão de mar e guerra sr. Isidoro Pereira Leite, tambem foi alvejado, mas não atingido.

O sr. dr. António Granjo saiu do ministerio ás 3 horas da tarde, em direcção a casa do sr. presidente da Republica. Diz-se que a sua intenção era conduzir para Mafra o sr. dr. António José de Almeida. Marchariam depois sobre Lisboa, as tropas que ali estão acampadas, sob o comando do sr. coronel Alves Pedrosa.

Cerca das 14 horas os revolucionarios enviaram um «ultimatum» ao quartel da G. N. R., ao Carmo, intimando aquela unidade a render-se dentro de meia hora. Antes de terminado esse prazo, as forças do referido quartel apresentaram-se ás forças revoltosas, no Terreiro do Paço, aonde, ás 14,30 horas, se está tomando posse do ministerio da Guerra.